Prendas

Poemas

Capa: Kauane G. R. Donadio

Opção terminal

Deem-me a esperança
Como sementeira,
Nem que me envenene,
Ou se faça esteira...

Nem que subjugue
Minha pouca fé,
A que me é exemplo
E que me põe de pé.

Mesmo que traiçoeira,
Quero a esperança,
Mesmo quando rança.

Melhor que a desistência
Que me põe louco
Por fazer-me pouco.

Tesouradas

Com a tesoura fazes cortes febris,
A zona franca propôs palavra
Sobre palavras... Inúteis? Mas eu
Não saberia o que dizer sem luta.

Ser gladiador, guerreiro? Plantador
De rosas em canteiro de criancinhas
queridas, um jardim de infâncias
Coloridas que almejo acordar cedo.

Ensinar poesia! Como poesia não se
aprende, apenas lerei trechos
De Drummond, Quintana, ou Pessoa,

E ficarei olhando as faces risonhas
Das crianças, pegas de surpresa
Na euforia que a poesia encanta.

Que mais pode?

O que pode a espera,
Senão que se molde
À espera por viver?!
É agora o momento!

Não o mundo cada dia,
Cada dia é o mundo,
Diferente, desafiador,
Inerente ao viver o hoje...

Que importa se o hoje é
Exatamente espelhado
Nas horas, igual ontem?

Para ti o novo de vidas,
Que mais pode a espera,
Senão o tempo de chegar?

Gêmeos

Waldemir
Desceu da torre,
Pisou o barro e
Se embarreou.

Waldemar
Não sobe à torre,
Pisa o barro
Dia-a-dia e
Não se embarreia...

Sabedor que purezas
Não sobem torre
E não descem vales...
Quem é mais puro?

Desilusões

A gente teve um sonho...
Assim, Coletivo o fato,
Um sonho de muito tato.
A gente tem tido sonhos
Que a vida põe abaixo.

O poema
É como o passarinho,
Que, empenado, voa...
E cria sua vida própria,
Independente de que ninho
Veio.

Claro escuro

O claro está guardado
No escuro, enquanto
Menino o está sendo...
Menino, no lusco fusco

Ensinado falar inglês,
Jogar xadrez e basquete,
Escrever caligraficamente
Sua história,

Ter memória de tudo que
Está vivendo... O claro vai
Clareando Pouco a pouco
O escuro que o guarda.

Ficamos assim

Abrimos a porta
Molhados de chuva,
Batidos de febre
E cansaço.
Fugidos de
Vitórias e
Fracassos.
Trazidos pelas águas de março...

Ficamos assim

Olhando-nos...
Indecisos,
Se somos visitas,
Se somos queridos...
Brilhando à luz
Da área protegida,
Focamos a luz
Que nos fez dia!

Dissemos adeus.

Ficamos assim,
Lembrados de mim.

Os cantis

Trazem água,
Trazem o café das manhãs,
E o desespero de homens
Fugidos das noites
Securas.

Prometem vidas
Nas hortas, às hortelãs.

Forçam às nascentes
As forças vãs.

São promessas de águas
Correntes e correntes
A prender rios...

São a esperança
De fresca à vida seca
Nas secas da vida...

Trazem a culpa
Das securas
Desérticas
Das vidas
Duras...

Relâmpago

No claro
No meio da chuva
Um menino pergunta:
-Por que o claro
Se esconde no escuro?

Sei não, filho.
Pro homem crescido
Estas considerações
São desconsideradas.

Pra saber da vida

Pra saber da vida Tem de ser
Criança. (Gente crescida
Decresce na curiosidade)
Só criança sabe os lados da fome,
Fome de algodão doce ou
Fome de feijão pradinho.
Só criança sabe que ganso morde,
Adulto pensa que bica doído.
Só criança sabe mentir de verdade.
Crescido não sabe ter dinheiro
Desocupado, Não sabe piscar
Pouquinho, Não sabe onde o escuro
Da noite Esconde o claro...
Adulto foca no que interessa,
O resto decresce na ignorância.

O contracanto

Entre
A chegada do som
E a volta do silêncio,
Um instante
Se faz necessário:

O contraponto.

O momento exato que
Pode eternizar-se
Se impõe entre
A atenção da coruja e
O canto do galo,

Neste momento
Sou os dois,
Canto a iluminação
Da madrugada
E calo a escureza
Do antes.

Não te voltes

Não te voltes
A procurar teus passos,
Pode que sangrem e
Te assuste o asco.
O que fizeste
Com tal passo dado,
Cansado de sorrir
Ao inesperado?
Vi-te desesperado
A caminhar insone
Teu passado, e,
Onde paraste o sonho
É teu lugar.
Não te voltes,
Que o dia vai em meio.
Pode que não faças juz
Ao planejado.
Então,
Entre atos e desatos,
Cumpriste o dia.
Dia acabado
O sono vence a dor
E podes não ter
A alma pronta
Pra tal evento.

Tudo que querias,
Perdeste ao vento.
Não curará
Tua enfermidade
Mancar a dor
Cicatrizada.

Não te voltes.
Sê o que quisera
Teu primeiro pai,
Que já te via fraco,
Cumprido o eito.
O que te queria forte
Como nunca feito.

Não te voltes.
É importante que
Estejas feito,
A murmurar choro
E riso ao compromisso.
Sê conciso.

Estuário

Desse lixo acumulado pelas marés
Extraio
O que seria um verso,
Ou um fadário...
Apresento aqui minhas desculpas
Ao erário.
Perdi um pouco do viver, escrevendo...
Talvez tenha perdido mais do que vivido,
Mas, que fazer, se a vida
Para mim,
É um pouco escrever?

A fortuidade

Se viesses hoje
Eu te faria pura, a vicejar a noite...
Mas o tempo...o tempo da fartura,
Findou-se antes dessa procura.

Se viesses hoje
Te receberia com louvores,
Mas te recebo insone, que
Chegou-me antes a estação
Das dores...

Se viesses antes
De ser velho e áspero,
Te faria festa, pelo dia festa.
Mas, sucumbido à dor,
Sobrou essa aresta...

E viestes hoje,
Cumprindo o prometido,
Colhendo dos lírios
As hastes pendidas
Pelos dons da vida...

Abandonos

Certa manhã,
O menino apiedado
Salvou o pássaro
Do estilingue
Desarmado.

Todas as manhãs
O pássaro voltava
Ao menino,
Por longo verão,
Esperado...

Nesta manhã
O pássaro desorienta-se,
Que o menino
Não volta,
Ao ser chamado.

Luares mansos

Do alto desta janela assisto a rua,
As falhas da lua,
O mendigo roendo seu pão seco,
Uma cadela olhando-o, faminta,
Enquanto Uns meninos chutam,
De bola laranjas sobradas da feira...
Assim é o dia, abandonado
À ferocidade de seus cidadãos,
Uns, acobertados por mantas,
Outros, por apadrinhamentos...
Todos, distanciados dos outros,
Os que perambulam os restos.
Entre tantos, assisto-me passar,
Arrastando ideias arrastado por elas.
Das falhas da lua desfolham nuas
As meninas largadas à sorte.
Não fora a minguante minguando
As águas e as vontades humanas,
Seríamos muito mais pedintes
Nesse fim de feira de ossos.
Aqui descubro a nostalgia,
À espera da próxima lua, cheia
De ofertas e manias novas
Visto do alto da minha janela.

Momento de pensar

Estou contente da luz
Que a tarde filtra
E me dá...

Daqui mesmo,
Donde me conduz,
Subido às entranhas,
Faz-se dona do pensar
Elucidado...

Fecharei os olhos
Pra ver melhor o
Que vislumbro entre
Frestas.

Fechando a porta do dia
Terei melhores visões
Dentre as que esqueci
De fitar.